



8

## Îles Maurice, Mauritius Islands ou Ilhas Maurício

Logo, no Aeroporto eles anunciam que você chegou ao Paraíso. Escrito assim mesmo com letra maiúscula. Para nós, era uma etapa complementar à viagem à África do Sul. No pacote originalmente oferecido, pela Agência Terra Mundi, a viagem começaria por aí, mas pedimos para inverter, porque tínhamos a idéia de que seriam três dias mais de descanso e relaxamento, o que cairia melhor ao final da jornada, antes de recomeçarmos o trabalho, no Brasil.

Tudo que já tinha ouvido falar sobre essa ilha era positivo. Ouvi falar muito pouco, na verdade, mas o imaginário estava aguçado, desde que havíamos morado na França, porque havia sempre muitos *out doors* de agências de turismo referindo-se a maravilhas dessas ilhas. Assim, as expectativas estavam lá em cima.

A Operadora Concorde, responsável pela nossa recepção nesse país, esperava-nos com toda atenção. Primeiramente, falavam francês, o que fazia toda diferença, para mim, depois de vários dias me esforçando para compreender (mal) o inglês; em segundo lugar, foram solícitos ao explicarem que a moeda local é a rupia, como na Índia (aliás, depois vou comentar que não é apenas isso que tem influência hindu nessas ilhas) e, embora o euro fosse aceito em hotéis e restaurantes para turistas, eles deram dicas sobre cotação e acompanharam Eliseu até o guichê de *change*; em terceiro lugar, ofereceram-nos umas toalhinhas brancas, com perfume de limão, úmidas, para que a gente se refrescasse. Além de nos parecer muito simpático, fazia todo sentido aquela toalhinha, porque depois do vôo de três horas, quase quatro horas, no ar condicionado, a temperatura, ao descermos, pareceu-nos insuportavelmente elevada.

O Aeroporto, cujo nome não consigo me lembrar de jeito nenhum, mas que foi dado em homenagem a um médico que foi o líder da libertação das Ilhas Maurício

do domínio inglês (o filho dele é o atual primeiro ministro), localiza-se na costa leste da principal ilha, justamente na posição oposta à capital, Port Louis. Esta cidade fica na costa oeste, olhando para Madagáscar e a 800 km desta, que é a maior ilha do continente africano.

Desse aeroporto, como observamos pelas aeronaves no pátio e, sobretudo, pelo painel de chegadas e partidas, havia vôos para muitas cidades do mundo – Paris, Londres, Dubai, Johanesburgo (de onde vínhamos), Antananarivo (capital de Madagascar), Maputo (capital de Moçambique), Delhi, Ilhas Seichelles (não sei o nome da capital), Ilhas Reunião (também não sei e acho que o pessoal do Aeroporto, idem, pois os vôos para essas ilhas não são anunciados pelos nomes de suas capitais ou cidades para onde se dirigem, mas pelos nomes dos países).

Isso tudo, foi nos indicando que o turismo é mesmo o forte da economia nesse país de um pouco mais de um milhão e duzentos mil habitantes, população menor do que da maior parte das metrópoles regionais brasileiras.

O nosso serviço de translado, pela Concorde, foi feito de carro (somente nós dois, nada daquelas vans cheias de gente e de malas) até o Hotel Bouganville, que do Aeroporto dista cerca de 45 km, e está na mesma costa leste. Para fazer esse percurso, o *chauffeur* Rakesh demorou quase uma hora, porque a rodovia vai cortando inúmeros pequenos povoados de pescadores. Ele foi gentilmente respondendo a todas as nossas perguntas. Para contar a verdade, fizemos um verdadeiro interrogatório.

Segundo ele, as ilhas foram descobertas por Maurício de Nassau, em 1638. Isso mesmo, aquele que esteve no Brasil, por um tempinho e os portugueses expulsaram. No caso dessas ilhas, de fato, a expressão descoberta faz algum sentido, porque não havia povoamento humano nela, ao contrário do que ocorreu na América, onde os europeus chegaram e não descobriram nada, de fato, porque já havia muita gente por lá. Nassau representava os interesses da Companhia Holandesa das Índias Orientais. À presença holandesa, sucederam-se o domínio francês e, depois, o inglês

até que a Rainha Vitória “concedeu-lhes” a independência. (Depois de ter voltado da viagem, fui conferir a data da descoberta e, na Wikipédia, consta que as ilhas foram descobertas pelos portugueses em 1505 e colonizadas pelos holandeses a partir de 1638. Foi controlada pelos franceses no século XVIII, tomada pelos britânicos em 1814. Eles obtiveram a independência em 1968, mantendo como chefe de Estado o monarca inglês e somente, em 1992, tornaram-se república membro da Comunidade Britânica das Nações).

Nas Ilhas Maurício, há 3 línguas oficiais: inglês, francês e crioulo. Na escola, aprende-se inglês e francês, e, em casa, desde que se começa a falar, pratica-se o crioulo, que é a língua de comunicação popular. Todo mundo, segundo Rakesh, fala as três línguas, sendo que, entre as duas dos colonizadores, eles preferem o francês, já que o crioulo tem muitas palavras originadas do francês. No entanto, depois, vimos que, do ponto de vista político-administrativo, há alguma primazia do inglês que foram os últimos colonizadores, já que placas em rodovias, cartazes com avisos, nomes de instituições estão sempre em inglês, mesmo quando a nomenclatura tem origem no francês, como, por exemplo, pude observar em “Notre Dame School” e “Mère de Dieu School”.

Em princípio, todas as pessoas que tratam com turistas, começam a se comunicar em inglês. Quando falávamos que preferíamos o francês, eles sorriam de um modo agradável, denotando que, para eles, também é mais tranquilo conversar nessa língua. Perguntamos quais eram as origens predominantes dos turistas, e nosso *chauffeur*, respondeu prontamente: ‘os franceses’, como se fosse óbvio e como se fossem os únicos... Depois acrescentou: os ingleses, os italianos, os alemães.

Enfim, trata-se de um destino turístico importante para os europeus. Isso é compreensível, porque calor o ano todo, muitas praias, paisagens ainda inóspitas é tudo que um europeu deseja em férias.

Rakesh ia dando outras informações, à medida que a nossa curiosidade o estimulava. Se o turismo vinha em primeiro lugar, respondendo por cerca de 40% da economia

local, a produção da cana e seu beneficiamento como açúcar ocupavam o segundo lugar, o que logo se tornava muito visível, porque em todas áreas de altitude baixa, entre cidades e lugarejos, viam-se extensas áreas desse plantio. O fumo também era produzido e beneficiado na ilha (depois Eliseu acabou comprando um pacote da marca 555 para levar para os amigos). O *chauffeur* fez referências a frutas e, por fim, à produção industrial de confecções, citando camisas e camisetas, que seriam exportadas para a África do Sul.

À medida que fazíamos esse percurso, eu via o quanto há pequenas áreas de assentamento concentrado, que ele nomeava como *villages*, usando o conceito francês, cujo correspondente em português foi, no passado, vila, e, hoje, é distrito urbano.

De verdade, pelo que eu observava, eram vilas de pescadores, já que essa atividade também ocupa papel importante no dia-a-dia dos “mauriciens”.

Aliás, isso me faz lembrar que tudo que Rakesh explicava, ele começava por “Nous, les mauriciens” (nós, os mauricianos), o que achei muito simpático, como forma deles fazerem referência aos nacionais, já que indicava mais a noção de nação do que de pátria ou de Estado.

As edificações que abrigavam escolas, observadas pelo caminho, me impressionaram bem, porque, no geral, eram os melhores prédios dessas vilas de pescadores – sempre de dois pavimentos, bem pintados e em terrenos grandes. Os nomes delas, depois comprovei nos dias seguintes, eram predominantemente católicos e franceses, indicando a influência que esse país e sua cultura tiveram nas ilhas.

A escolarização, segundo ele, é obrigatória até os 16 anos e como era pouco mais de 17h, acompanhamos a saída da criançada das escolas. Após nossa pergunta, ele informou que as crianças entram na escola 8h45 e saem às 17h, tal e qual na França. Dois aspectos chamaram atenção, além dessa jornada de dois turnos nas escolas: - as crianças usavam uniformes muito parecidos aos da minha infância – calça ou saia

azul marinho, meia ¾ branca, camisa branca e gravatinha azul ou vermelha (faltou a boina que eu usava na escola de freiras); - eram de todos os tipos étnicos possíveis, juntos, e fazendo aquela algazarra na saída da escola (hindus, negros, chineses, brancos). Sei que misturei tipos étnicos com nacionalidades, mas foi só para designar o que ia reconhecendo, já que, por exemplo, os de olhinhos puxados, logo se via, não eram japoneses ou coreanos; os de pele de um marron aveludado, facilmente se reconhecia como hindus, inclusive porque muitas meninas e usavam o ponto vermelho na testa.

Durante nosso trajeto, também chamava atenção o número de novas incorporações imobiliárias anunciadas ou já edificadas, tanto hotéis, como *resorts*, como *villas*, ou seja, conjuntos residenciais fechados, com pequenos bangalôs ou casinhas, destinados a turistas, tanto em regime de propriedade, como de tempo compartilhado (se você, que estiver lendo esse diário, não souber o que é propriedade em tempo compartilhado posso explicar numa outra hora).

Perguntei a Rakesh se esses investimentos eram de capital internacional. Ele respondeu que a maioria era, e isso era muito bom para "nous, les mauriciens", porque gerava empregos e impostos que eram usados para diminuir a pobreza. Deu para ver que Rakesh estava com a 'cabeça feita' a favor desses investidores.... Deu para ver, também, que os incorporadores não são nada bobos, porque a paisagem da ilha principal é muito bonita (além dela só conhecemos a pequena Ilê des Cerfs, que também é muito bonita). Apesar de ser pequena e ter cerca de 70 km de largura, por 120 km de cumprimento, ela tem um relevo movimentado com montanhas na área central e ao sul.

Esse relevo decorre da origem vulcânica da ilha, pois a maior parte do terreno rochoso que a constitui tem essa origem, tanto quanto toda a linha de arrecifes que a cerca e torna as suas praias tão bonitas e agradáveis. Entre a barreira formada, no mar, por essas formações e a praia, propriamente dita, a água tem um verde exuberante, resultado de maior densidade de matéria orgânica, a temperatura dela é

mais alta, já que as grandes ondas não chegam a superar essa barreira, bem como o fundo de areia branquinha é melhor visualizado, já que as águas do mar se movimentam menos nessa faixa.



Aí está o mapa da porção leste da ilha. Nossa hotel “Le Bouganville” localizava-se próximo a uma vila de pescadores, que se chamava Trou d’Eau Douce, o que significa Buraco de Água Doce.

Como se pode ver no mapa, muitos hotéis estão nessa costa leste da ilha. A praia, nesse litoral, não compõe uma faixa larga e, onde a maré sobe e desce diariamente, há centenas de testemunhos de pequenos corais e algas. Pela manhã, no hotel, alguns funcionários juntavam esses restos de algas que a maré trazia e os enterrava em buracos feitos na areia, para tornar, aos turistas a visão mais agradável. Mesmo assim, para os meus pés, aquela areia misturada aos pedacinhos de restos de corais não era muito agradável. Em nossa primeira caminhada à beira mar foi possível ver que, ao final da tarde, quando parte das ondas ultrapassam os arrecifes e chegam à areia, elas são fortes, porque para tentar salvaguardar sua sandália havaiana, Eliseu foi levado um pouquinho por uma onda, junto com a mochilinha em que carregávamos o celular, algum dinheiro e outras coisinhas. Foi o batizado ele no Oceano Índico.

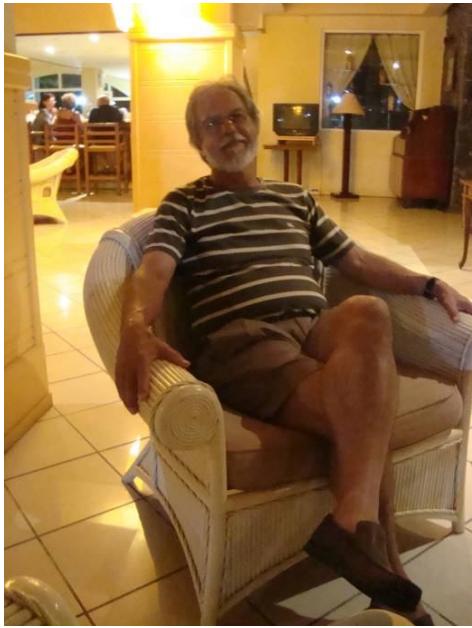


Aqui as fotos que registram esse final de dia, em que ainda estávamos nos familiarizando com esse novo espaço.

Acima, estão as formações que aparecem ao longo da praia e resultam das erupções do vulcão existente na ilha.



Abaixo, duas moças andam à cavalo, um prática que tinha observado na África do Sul e voltei a ver nas Ilhas Maurício.



Logo acima, nós dois esperando a hora do jantar na recepção do hotel. Na última foto, um registro do Eliseu olhando para o Oceano Índico, a partir do ponto mais a leste em que já estivemos nesse planeta.



O dia seguinte foi de total relax – muito sol, vento que ameniza muito as temperaturas altas, praia pela manhã e pela tarde, pausa para o almoço e para uma boa cochilada... Procurávamos nos informar, ao máximo, o que era mais interessante para ser conhecido no dia seguinte e, finalmente, com Alessandra da Operadora Concorde fechamos nosso programa. Carro com motorista à nossa disposição das 9 às 18 h, mais uma pequena travessia de barco, custaria a nós 71 euros (primeiro eles falam o preço em rupias, depois rapidamente convertem para o euro).

Durante passeios feitos a pé a partir do hotel, pudemos fazer algumas observações. Um ponto que apreciei, bastante, foi a existência de grandes áreas preservadas à beira mar, nas quais não se pode edificar. Elas estão entre as áreas de praias privativas sob controle dos hotéis. Depois nos informamos que elas são muito usadas pelos moradores da ilha, a partir dos finais da tarde. Em muitos casos, eles passam a noite toda, conversando, jogando futebol ou cartas, fazendo churrasco e só voltam para suas casas no dia seguinte para repousar. Ficamos sabendo que essas idas podem ser de grupos compostos por famílias inteiras (tios, primos, avós) como podem ser somente de homens (amigos ou parentados).

Por esta opção pela praia durante a noite, deu para ver que eles não querem saber de sol, mas sim de sombra e água fresca.



Passamos um dia reconhecendo a praia com percursos que podiam ser feitos a pé a partir do hotel e verificamos que a presença das lavas do vulcão, não é pontual, mas circunda toda a ilha, como a foto à esquerda mostra. À direita, os carros estacionados numa área pública a beira mar.



A esquerda, outra tomada de uma das praias públicas. Quero chamar atenção para a vegetação, com os galhos e até os caules todos inclinados para oeste, denotando a tendência predominante dos ventos na ilha.

O hotel não tinha nada de especial e se parecia com muitos que temos no Nordeste do Brasil. A recepção e sala de estar estão bem no começo do terreno, junto à rodovia secundária paralela ao mar. Os apartamentos alinhavam-se em pequenas edificações de dois pavimentos, cada um deles com suas varandinhas voltadas ao corredor central, onde estão os jardins, a piscina, o restaurante e o caminho para o mar. A infraestrutura é boa, a construção é graciosa. (vejam na foto as tesouras em madeira que sustentam o telhado em sapé do restaurante), mas o serviço, apesar da simpatia do pessoal, era insuficiente.

Fiquei observando quem poderiam ser reconhecidos como os hóspedes típicos do hotel e deu para ver que predominam franceses e entre eles, dois subgrupos – jovens casais (talvez em lua de mel) e casais de terceira idade. Pelo comportamento, pelas roupas, pelas conversas eles pertencem aos segmentos de médio – médio baixo poder aquisitivo. Em relação ao hotel em que estávamos, que tem um preço razoável para quem paga em real, dá para concluir que ele é bem barato para quem paga com euros.

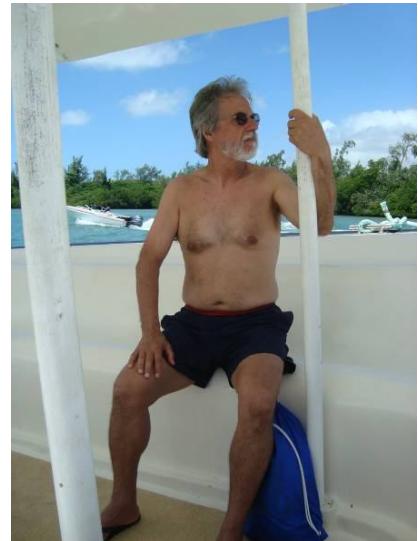


Acima, a cobertura do restaurante do hotel, feita com um tipo de madeira que parece ser extraída dos palmeirais que há na ilha. À direita, Eliseu na entrada do hotel.



O dia seguinte, 6<sup>a</sup>. feira, dia 19 de fevereiro, começamos com uma ida à Ilé de Cerfs (Ilha dos Veados) e achamos o serviço da operadora muito profissional: todos são pontuais (motorista, serviço de barco e de guia), bem apresentados, atenciosos sem serem servis, objetivos e nunca demasiadamente insistentes quando oferecem produtos ou serviços.

Foi impossível não fazer comparações com a qualidade desses mesmos serviços no Brasil – quantas vezes não tivemos os translados atrasados, em perucas lotadas, com o pessoal de serviço sem estar uniformizado etc etc etc? A mim, incomoda no Brasil não apenas a falta de profissionalismo em muitos serviços de turismo, como a intimidade demasiada que logo quer se estabelecer, ou por meio de brincadeiras ou por meio de outras formas de se reportarem aos turistas como se eles (ou seja, nós) não estivessem pagando pelo serviço prestado.



Acima, Eliseu e eu, no barco, indo para a Île des Cerfs.

Abaixo, algumas fotos da vegetação e do conjunto da paisagem que domina na ilha.





Acima, outras imagens da ilha. Abaixo, eu tomando sol e os quiosques que foram construídos pelos grandes hotéis que estão na ilha maior, para que seus hóspedes possam passar o dia na Île des Cerfs.



Essa pequenina ilha, à leste da grande ilha que compõe esse arquipélago, é realmente muito bonita. Como nos disse o guia que nos aguardava – Thierry – ela é “superbe”! Foi muito estranho encontrar um guia com a aparência hindu, chamado Thierry, esse nome tão associado aos franceses, bem branquinhos de olhos claros. A conversa com ele, de apenas 8 ou 10 minutos foi sensacional. Ele nos perguntou de que país éramos e à nossa resposta de que éramos brasileiros, ele imediatamente passou a falar sobre futebol, explicando que torcia para o Liverpool, assim como outros *mauriciens*. Achamos interessante a associação que ele fez e absolutamente correta, porque, afinal, ele selecionara um aspecto importante para relacionar o Brasil às Îles Maurice.

Como eu senti a pobreza nas Ilhas Maurício? Aparentemente, não me parece que haja tanta diferença entre os ricos e pobres aqui. Tampouco chegamos a ver indigência, ainda que, no Mercado Municipal de Port Louis, tenham nos abordado duas vezes pedindo dinheiro. As casas dos pescadores e trabalhadores rurais que estão nas villages, ao longo das rodovias, são mesmo muito pobres, mas têm um padrão acima do que assistimos em nossas favelas. Vimos casas de muito bom padrão, mas essas estão nas áreas pericentrais das cidades pelas quais passamos, misturando-se um pouco a edificações de padrão médio e até mesmo simples. Não me pareceu que as distâncias sociais sejam, também, expressas sob a forma de segregação socioespacial.

Segundo nosso “outro” *chauffeur*, o que nos acampanhou no dia em que saímos para conhecer a ilha, Yassim, todos têm trabalho e estão contentes com o aumento do turismo e com o governo atual. Aliás, já comentei que o atual primeiro ministro é médico, e filho do libertador da pátria. Rakesh fez referência crítica a esse aspecto, dizendo que era quase uma dinastia da família, na ilha, mas Yasssin acha que ele faz um bom governo e vai ser reeleito. Assim, concluir que a dinastia vai continuar...

A opção pelo desenvolvimento de infraestrutura e equipamentos voltados ao turismo internacional trará mudanças nas estruturas espaciais e nas práticas socioespaciais dos moradores das ilhas, é o que suponho. Embora as desigualdades não sejam expressas de modo contundente no espaço, já se pode ver os indícios de grande segmentação socioespacial.



Comecei a relatar nosso dia de passeio, falando da Île aux Cerfs, sem apresentar Yassim, nosso *chauffeur* de toda a jornada. Conversando conosco, sobre a sequência dos passeios, ele foi logo fazendo sua sugestão. Como não conhecíamos nada da ilha, achamos razoável o que nos foi proposto. Ele sorriu em seguida, e disse que assim estava ótimo, porque, enquanto nós almoçávamos, a partir das 13h, ele cumpriria seu horário de prece, porque era 6<sup>a</sup>. feira e para os mulçumanos essa oração no meio do dia, nesse dia da semana, é fundamental.

Pronto, ficamos sabendo que Yassim era muçulmano, o que ajudou a entender vários dos raciocínios dele. Seu nome, segundo ele, quer dizer “coeur de Coran”, ou seja, coração do Corão. Todos os nomes muçulmanos têm um significado e ele foi dando uns exemplos.

Fomos logo perguntando quais eram as religiões praticadas nas Ilhas Maurício e ele rapidamente respondeu, de modo preciso: 45% são seguidores do hinduísmo, 19% são muçulmanos, 19% são católicos e os outros 17% dividem-se entre protestantes e evangélicos. Segundo ele, havia total liberdade de prática religiosa e, nas escolas entre 11 e 12h, há aulas de religião e todos os alunos de diferentes classes e níveis de escolaridade, movimentavam-se, nesse horário, para se reagrupar, conforme suas religiões. Indagamos se eram aceitos casamentos entre religiões diferentes e ele disse, com naturalidade, que sim. Perguntamos, então, qual das religiões predominava, para a prole que vinha e ele foi rápido, na resposta: “A da mãe, é claro. Os filhos seguem a religião da mãe e pronto, pois isso não se discute!”

Yassin tinha um jeito todo seu de nos apresentar cada novo lugar que visitávamos: dava rapidamente as informações que tinha, geralmente, de bom nível, indicava os melhores lugares para as fotos. Olhava sorrindo e dizia “C'est ça!” para nos convencer de que não tinha nada mais a falar ou a fazer ali e, ao final, perguntava se nós gostamos. Assim que aquiescíamos, ele vinha com a mesma frase, que tantas vezes ouvimos no Marrocos e na Tunísia: “Si vous êtes contents, je suis content aussi!”. Ele era gentil e tinha a capacidade de nos induzir a decidir o que fazer, quanto tempo

ficar, o que fotografar, mesmo quando antevíamos que ele queria nos induzir. Por que? Porque ele era educado, gentil e não era nada insistente – eis um jeito fácil de se conquistar os outros.

Nosso pérriplo com Yassin foi longo. Depois de termos ficado duas gostosas horas na Île aux Cerfs, ele percorreu uma rodovia que nos levou ao centro da ilha para subirmos até a cratera do vulcão extinto (bem não se sabe bem se ele está extinto, pois, segundo Yassin, ele poderá acordar um dia). Do alto desse mirante, que está nas bordas da boca do vulcão, vê-se sua cratera cheia de água escura (segundo ele, a água é limpíssima, mas fica escura, porque a cratera é muito profunda). Ela tem um nome engraçado “Le Trou des Cerfs”, ou seja o buraco dos veados.

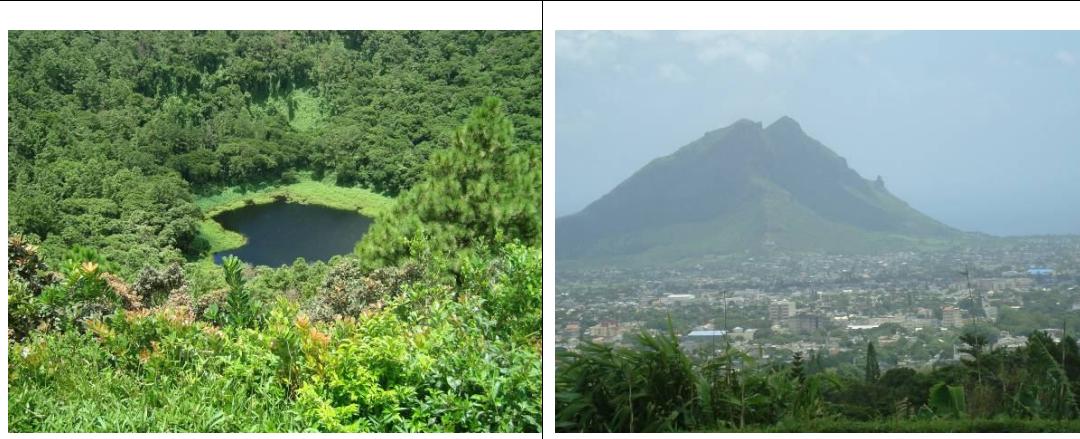
Antes mesmo que perguntássemos a razão desse nome, ele começou a explicar que os veados desciam até ali para beber água e se tornavam, desse modo, um alvo fácil para os caçadores que, do alto, da borda da cratera, podiam matá-los, sem que eles tivessem agilidade para fugir, já que o terreno é íngreme. Em seguida, os escravos desciam até lá, amarravam as duas pernas dianteiras e as duas traseiras do veado recém abatido e o penduravam numa grossa vara de madeira, carregando-o nas costas, dois a dois, enquanto os caçadores continuavam sua distração. Segundo Yassim, a caça está agora proibida na ilha e acrescentou o comentário: “mas, também sem escravos, quem iria carregar os veados abatidos?”

No primeiro dia, Rakesh informou que a abolição da escravatura ocorreu na década de 30 do século XVIII, portanto 50 anos antes da abolição no Brasil. Para substituir o trabalho escravo, a coroa inglesa estimulou a imigração hindu, já que a Índia também era sua possessão colonial. Esse movimento migratório é o que responde pelo predomínio do hinduísmo, entre as religiões; pela prevalência do tipo físico que domina entre os habitantes da ilha, pela enorme influência cultural nos hábitos alimentares (“La cuisine mauricienne”, como eles gostam de anunciar, pouco tem de sal e muito tem de curry) e, por fim, nas formas de se vestir, porque grande parte das

mulheres utiliza trajes ocidentais, mas há muitas, mesmo andando pelas ruas da capital, jovens e idosas, que portam os trajes hindus.

A população das Ilhas Maurício é, no geral, muito bonita e passa uma impressão de beleza saudável, talvez, por causa da pele que é sempre muito lisa e de um bronzeado muito brilhante.

Voltando ao nosso passeio, registro que do alto das bordas da cratera se podia avistar todos os picos mais altos da pequena cadeira montanhosa que corta da ilha. Segundo Yassin, o ponto mais alto tem 800 e poucos metros (ele falou precisamente a altura, eu é que não memorizei direinho) e nós havíamos subido até os 600 e poucos metros. Dali, avistavam-se cinco entre as mais importantes cidades da ilha que, de fato, pelo que eu via, nesse momento, combinando com o que vira do avião no dia da chegada, pareciam uma única cidade, já que estavam sem descontinuidade entre si. O dia estava bonito, mas as distâncias não favoreceram as fotos. Mesmo assim, elas seguem abaixo.



Desta porção elevada da ilha, próxima a boca do vulcão, tanto se poder ter uma visão de onde eram abatidos os veados, como vislumbrar que o terreno da ilha tem relevo movimentado e os assentamentos urbanos são rodeados de densa vegetação que parecer ser a original da ilha.



Almoçamos exatamente onde Yassin sugeriu que nós almoçássemos, embora depois tenhamos percebido que havia restaurantes muito mais interessantes do ponto de vista da localização, da decoração e da vista para o mar. O nosso restaurante era uma antiga construção, que não tinha qualquer janela, e estava aos fundos de uma loja. A decoração não era propriamente hindu, nem coisa qualquer, a aparência era de um pouco de decadência, mas nada podemos falar da comida. Serviram de entrada, como uma sugestão deles, uns bolinhos que se molhava num azeite quente temperado com mel e alho (gostei bastante desse molho). Em seguida, vieram os pratos de camarão que pedimos: apenas dois camarões para cada um, mas eles eram tão grandes que se pareciam lagostas. Na verdade, quando Eliseu pediu inicialmente lagosta, o garçon foi até a cozinha e informou que a lagosta disponível tinha 1kg300, como quem sugere: acho que o senhor não vai agüentar.



Como se pode observar na foto, a toalha não combina com o prato, mas os camarões são enormes.

Eles trouxeram duas tigelinhas com água quente e limão, para irmos limpando as pontas dos dedos, enquanto comíamos os camarões. Depois fomos entender que fazia todo sentido, porque o camarão era tão grande que era impossível descascá-lo

educadamente com a faca. Na hora do pagamento, a afirmação de Yassin de que aquele era um restaurante internacional foi completamente contradita, porque eles não aceitavam dólares nem euros, tampouco a maquininha do VISA funcionava, ou seja, não havia outra opção que ir até o banco e trocar nossos dólares para pagar a conta. Aproveitei para tirar uma foto da fachada de uma quadra comercial dessa cidade - Curepipe- que me pareceu muito pobre mesmo.



Acima, a fachada do que foi uma grande loja de tecidos e agora é um espaço ocupado por várias lojinhas pequenas onde se vende de tudo em Curepipe.

Descendo as encostas do vulcão já avistávamos a urbanização que se estendia na planície, interligando as cinco cidades que Yassin havia apontado lá no alto. De fato, elas eram diferentes entre si, pois algumas tinham uma fisionomia urbana ainda colonial, em que predominavam sobrados avarandados, enquanto a última delas Rose Hill estava marcada por uma série de novas construções modernas (aliás, quando chegamos de avião, achávamos que esse era o centro da capital). No mapa da próxima página, dá para observar que a sequência de cidades desde Curepipe até Port Louis a capital.



Acima a representação cartográfica pictórica da faixa oeste da ilha, onde segundo nosso chauffeur as praias são menos bonitas. Os hotéis mais antigos foram instalados nesse litoral, em função da proximidade com a capital e, entre eles, destaca-se o Club Med, um dos primeiros de grande porte.

Perguntei por que havia ali aquele crescimento vertical. Ele explicou que havia interesse de desconcentrar a capital, mas também a municipalidade estava doando terrenos para quem quisesse investir lá. Pedi mais informações, mas ele não tinha muita coisa a acrescentar, a não ser que havia tanto empresas de capitais da ilha, como empresas francesas e inglesas entre essas construtoras. Fiquei me perguntando quem iria comprar tudo aquilo, pois havia tanto prédios, que denotavam pela arquitetura, que eram residenciais, como outros cujas fachadas e tipos de janelas faziam parecer que eram corporativos, como se gostam de conceituar, no Brasil, atualmente, essas construções que tem finalidade comercial ou de serviços.

Entre Rose Hill e Port Louis, completava o rol de investimentos no setor da construção civil, duas grandes áreas comerciais e de serviços, que agregavam *shopping centers* a grandes magazines. Chamou atenção o número de marcas francesas afixadas ali, entre elas a Célio tão popular na França (Cêliôôô como pronunciam os franceses).

Ultrapassamos por um pequeno vale, a cadeia de montanhas que víamos do alto do vulcão (talvez) extinto e logo vislumbramos Port Louis. Assim que saímos do aeroporto no dia da chegada, queríamos entender porque ele se localizava do lado oposto à capital, sem querer, falamos Saint Louis e Rakesh corrigiu-nos muito rapidamente, "Port Louis", com um tom que queria dizer: "como é que vocês não sabem o nome da capital des Ilés Maurice?".

Aos poucos foi fácil entender a razão da localização, que ficou ainda mais clara, quando decolamos do aeroporto, ao irmos embora, e vimos que todos os grandes hotéis cinco estrelas estão na face leste da ilha, onde o mar é mais bonito, as areias mais brancas e o vento mais forte amenizam o calor. Aliás, nos impressionou ver o número de helicópteros que nesses dias voava ao longo do litoral e Rakesh confirmou minha hipótese: São alugados por gente que não quer fazer o percurso de algumas poucas dezenas de km entre o aeroporto e os hotéis e esse translado pode custar quase o mesmo preço da passagem aérea de Johanesbourg até lá. Parece um

absurdo, mas é um preço compatível com o praticado nesses hotéis 5 estrelas, onde os apartamentos menores custam cerca de mil reais, ao dia, e os melhores, que são chalés, sobre pilotis, no mar, podem chegar a ter preços três vezes maiores.

O passeio por Port Louis foi interessante. Yassin nos aguardaria no estacionamento, enquanto fizéssemos nosso percurso. O calor era intenso, as ruas estavam muito cheias de gente que andava apressada pelas calçadas e aguardava vários minutos até que os semáforos dessem vez aos pedestres, por alguns segundos (qualquer semelhança com o Brasil é mera coincidência). O trânsito pareceu-nos muito intenso para uma cidade de menos de 200 mil habitantes, mas Yassin havia dito que há um carro para cada quatro pessoas nas ilhas e esse índice é alto.

Esse passeio foi ótimo para vermos a verdadeira “mélange” que compõe “les mauriciens”. Logo passaram por nós, de mãos dadas e rindo (há quanto tempo não via meninas andando de mãos dadas?) duas adolescentes, uma negra e uma chinesa. Foi nessa cidade que observamos de perto da diversidade dos modos de se vestir deles e também me chamou atenção que, da mesma forma que observei na África do Sul, as mulheres usam sombrinhas para se abrigarem do sol intenso do pós meio dia (também há quanto tempo as mulheres perderam esse hábito no Brasil?).

Havia muitas casas bancárias, casas de câmbio, um bonito parque público, onde havia muita gente passeando e namorando no meio daquela tarde de 6ª feira. As palmeiras dominavam a paisagem e, ao final, da avenida larga de pouco mais de 500 metros que se originava no moderno Waterfront de Port Louis havia uma estátua em homenagem à Rainha Vitória, pela concessão da independência, mas o interessante é que, nesse monumento, ela nomenclaturada como Rainha da Índia e não da Comunidade das Nações Britânicas, como seria o correto. Esse fato reforçou aquela ideia de que a influência hindu é mesmo enorme na ilha.

Outro ponto que chamou atenção na capital foi a proximidade entre os quarteirões de comércio popular e pobre e os altos edifícios modernos onde estão os grandes

bancos e escritórios de grandes empresas comerciais (vimos muitas placas de importação e exportação).



Acima, duas vistas das edificações que compõem um pequeno shopping center com andares superiores ocupados por escritórios, os quais se localizam numa área moderna do porto. Abaixo, mais duas fotos dessa área do waterfront, como eles chama e, depois, duas fotos de duas ruas laterais ao mercado tradicional da cidade, muito próximo ao porto. Vi nessas ruas muitas lojas de venda de confecções baratas, industrializadas na ilha. Parecia-se com a Rua 25 de Março deles: havia muita gente e as lojas conviviam com os camelôs.





Acima e abaixo à esquerda, duas edificações modernas do centro da cidade. À direita abaixo, está a avenida principal que, de certo modo, separa o centro mais moderno onde estão os edifícios mais altos (à esquerda da avenida, na posição em que ela está na foto) e a parte do comércio mais popular onde está o Mercado Público, cujas fotos aparecem na página seguinte.



Lembrei-me que, observando que as Ilhas Maurício estão a 800 km da Madagáscar e muito mais longe do litoral continental africano, ou seja, elas estão bem no meio do Oceano Índico, resolvemos perguntar a Yassin se eles eram africanos. Ele respondeu prontamente: "Nós, os mauricianos, somos asiáticos!" Eliseu retrucou que imaginava que eles pertencessem ao continente africano e ele esclareceu: "Sim, pertencemos ao continente africano, mas somos asiáticos". Achei sensacional, de novo, porque a ideia de nação prevaleceu sobre a de território, no sentido do Estado.

Vamos voltar ao passeio por Port Louis. Resolvemos conhecer o Mercado Municipal, porque Eliseu estava atrás de latínhas de cerveja das ilhas para levar para a coleção do Caio e do Ítalo. Parecia-se com tantos mercados municipais que conhecemos no Brasil. Havia os setores de frangos (segundo Yassin a carne mais barata e mais comida nas ilhas, pois o kg custa o equivalente a dois dólares), de peixes e frutos do mar, de verduras de toda espécie, de frutas.

Não, não é um mercado revitalizado como o de Santiago ou de São Paulo. É um mercadão sujo, desarrumado, grande e cheio de gente que vendia e de gente que comprava. Eu me sentia fora do lugar e do tempo, pois aquele mercado me remetia ao passado, no entanto havia ali duas escadas rolantes que levavam ao segundo andar, onde havia muitas tendas de vendas de artesanato, tecidos e roupas. Fui fortemente recomendada pelo Eliseu a não mostrar interesse por nada, não tocar em nada de modo a não provocar neles a possibilidade de realizar a venda, tal como fiz no Marrocos. Mas, os mauricianos não são tão insistentes como os marroquinos: informaram os preços, quando os perguntei, mas depois de meia dúzia de palavras e da tentativa de saber de que país eu vinha, eles respeitavam minha decisão de não querer continuar a negociar. Havia tanta coisa que, ao final, nada me interessava.



Acima, duas fotos do Mercado Pùblico. Na da esquerda, pode se notar que, no mezanino da edificação, vendia-se artesanato da ilha.

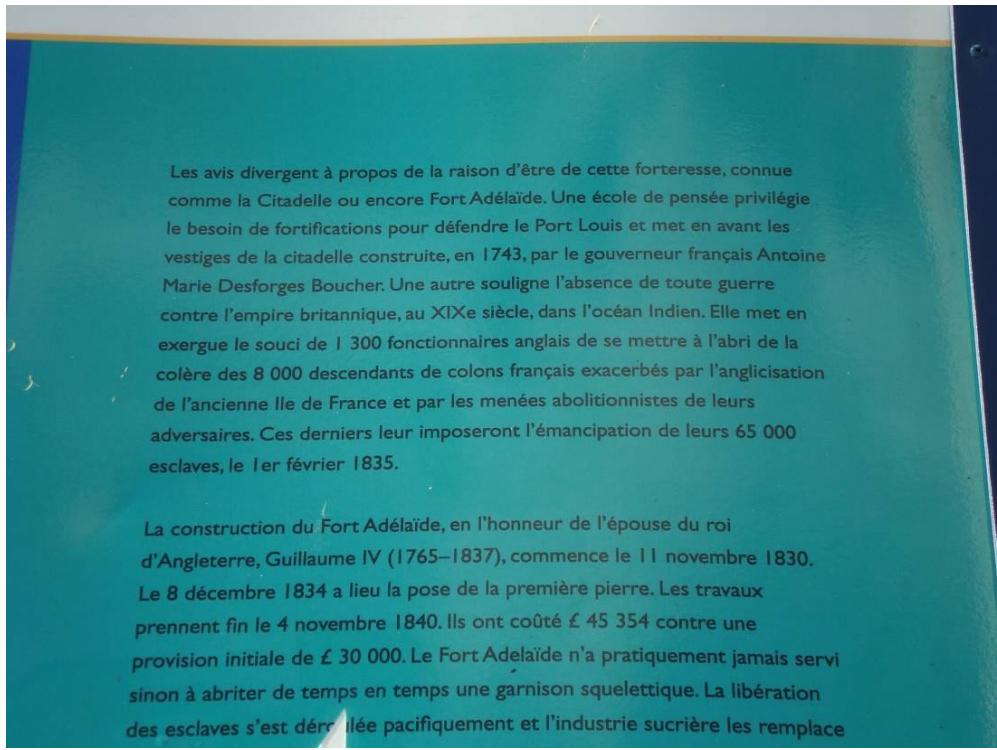
Paramos para um sundae no Mac Donald's (sim eles estão em todo lugar), adoramos o ar condicionado super refrescante depois do calor escaldante e voltamos para o Waterfront. Lá havia um pequeno shopping Center, com lojas que vendiam as grandes griffes e algumas que vendiam artesanato das ilhas.

Para terminar nosso péríodo em Port Louis, Yassin nos levou ao alto da colina onde está a cidadela. Trata-se de um forte, cujas razões de origem não são objeto de consenso: alguns estudiosos, segundo o que se explicava à entrada, atribuíam a construção aos ingleses e outros aos holandeses. O fato é que o forte nunca teve grande função militar (igualzinho ao de Port Elizabeth), mas sua posição favorece uma bela vista da Port Louis atual, suas 6 igrejas mais importantes (mandarin, hindu, católica, protestante, muçulmana e a evangélica) e de seu hipódromo que, de acordo com Yassin, foi o segundo a ser construído no mundo (será?).

O melhor do forte era a vista que ele propiciava de Port Louis. Pudemos observar melhor o quanto a cidade era ao mesmo tempo concentrada, mas como também na direção oposta ela começava a se insinuar subindo os morros.



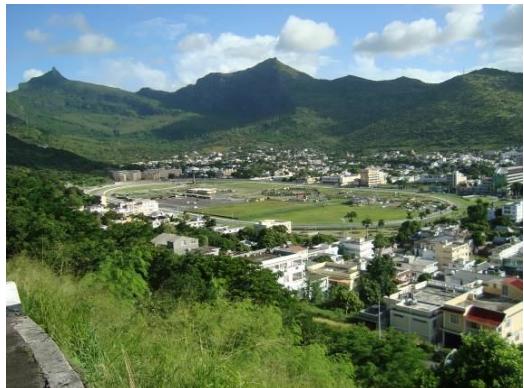
Acima, estamos nós à frente da entrada da fortaleza e abaixo a explicação relativa à existência dela





Acima, a parte interna do forte, que foi construído para defender Port Louis, mas de onde nunca se disparou sequer um tiro.

Ao lado, vê-se o canhão armado na lateral do forte, apontando para o porto e, aos fundos, as montanhas que emolduram a cidade, vendo-se à direita o hipódromo e a cidade que começa a ocupar as encostas do morro.



Acima, à esquerda e abaixo, vistas da porção de maior concentração de edificações de Port Louis, vendo-se bem ao longe o mar. Acima à direita uma vista geral do hipódromo, por registro feito com o fotógrafo de costas para o mar.



Ao final, Yassin nos sugeriu conhecer uma loja, já do outro lado a ilha (costa leste, perto de nosso hotel), "só para ver, sem compromisso de comprar". Qual não foi nossa surpresa ao constatar que ela se chamava "Galeries Lafayette", tal como a famosíssssssima magazine parisiense..... Bom, é claro, que não chegava aos pés, mas era uma loja para turistas, com cashemers, camisas de griffe, valises de couro, bolsas de marca, calças elegantes (outras nem tanto) e outras muitas coisas – compramos uma peça para cada "menino" da família – Eliseu, Caio, Ítalo e Otto!

Chegamos cansados ao hotel, após passarmos pela entrada dos hotéis mais caros da ilha e registramos a foto que se segue para não esquecer do jeitão do Yassin.



Como avisei no começo desse diário, não me preocuparia com sequências. Bem, é isso, agora, escrevendo esses parágrafos, já no vôo de volta ao Brasil, é que me lembro da noite de 5ª. feira nas Ilhas Maurício. Estábamos na sala principal do hotel,

acessando a internet, e vimos um rapaz montar uma banca de tecidos e roupas da ilha. Eliseu prontamente me advertiu, como se por acaso eu não tivesse já de olho. Aos poucos fui me chegando, dando uma olhada nas peças e adorando o que via. Ele tinha muitas roupas bonitas. As vestes tinham, todas, inspiração hindu, mas com cores mais vivas. Os conjuntos de calça e túnicas que vão até o joelho são mais alegres, combinando com o tropicalismo das ilhas. Havia também saharis de todos os tipos. Resolvemos comprar algumas peças, porque eram muito bonitas (para mim, minha mãe, Fabiana e Maria Amélia) e porque os preços eram muito bons.

Enquanto Eliseu foi ao nosso apartamento buscar os dólares para pagar ao rapaz, ele me perguntou de que país em vinha. Respondi: Brasil! Ele perguntou onde ficava, já que nunca tinha ouvido falar deste país. Expliquei que na América do Sul e fiz referência à Argentina (se ele não conhecia o Brasil, que ocupava um pedaço do mapa, será que conheceria a Argentina?) Ele continuou com um sorriso sem graça e disse: deve ser muito longe e eu nunca ouvi falar desses dois países. Depois sorriu e afirmou: "Ah, mas existe um time de futebol, com esse nome Brasil e sempre que ele joga, nós mauricianos, torcemos para ele!!!!!"

Pronto, agora éramos nada mais nada menos que um time de futebol! De todo modo, já era alguma coisa. Achei que não valeria a pena explicar que se trata da seleção do país e não de um time, como o Liverpool (eles adoram o Liverpool nas Ilhas Maurício), porque Eliseu chegou com o dinheiro e, talvez, o vendedor de trajes que brilham não quisesse mesmo saber que há um país, por trás do time (ou será o time que está na frente do país?).

No dia seguinte, já fazendo percurso de volta com escala na África do Sul, conversamos com o simpático negro que nos servia o jantar em Johanesbourg, e ele nos perguntou de onde vínhamos, logo após nossa resposta, ele começou a desfilar nomes: Ronaldo, Ronaldinho, Kaká, Robinho e ria, ria, sorria, sorria – "È o melhor futebol do mundo!".

Perguntamos um pouco sobre a vida dele para ver se captávamos alguma coisa sobre a maior cidade da África do Sul. Indagamos se ele morava perto do Aeroporto, próximo do qual estava nosso hotel, e ele disse que não muito. Eliseu quis saber como ele ia para casa às 22h, após o trabalho, e ele respondeu naturalmente: "A pé!" respondeu ele. Seriam 45 minutos de caminhada rápida. Aqui a vida metropolitana aparecia em uma de suas facetas.

No dia seguinte, acabamos de ajeitar todas as malas (elas sempre engordam na volta, sobretudo, quando se gosta de artesanato) e fomos para o Aeroporto de Johanesburgo, onde aterrissamos quatro vezes (chegando do Brasil, voltando do Park Krueger, vindo de Cape Town, voltando das Ilhas Maurício) e decolamos outras quatro vezes (saindo para o Park Krueger, para Port Elizabeth, Ilhas Maurício e voltando para o Brasil). Em todas elas, o céu estava limpo e foi possível fazer algumas observações sobre a maior cidade da África do Sul. Ela é mais extensa do que densa, até porque a verticalização não é demasiada. Há muitas áreas industriais, como se percebe pelas plantas das edificações. Seus telhados novos denotam que esse desenvolvimento é recente. Há áreas de favelização, como a disposição desordenada, sem arruamento geométrico demonstra, mas predominam áreas de conjuntos residenciais, com habitações unifamiliares e multifamiliares. Nessas áreas residenciais, a densidade construtiva é grande, mas nos bairros de classe média e alta, os terrenos são maiores, tanto assim que muitas casas não estão dispostas no mesmo sentido retangular dos lotes, mas sim na diagonal, com folgas nas laterais, e concluímos que elas se posicionam, assim, para receber mais sol. Trata-se de uma cidade bem arborizada, o que é importante, porque mais ao norte do que Cape Town e longe dos ventos oceânicos do sul, essa cidade tem temperaturas médias bem mais elevadas no verão.

No domingo, 21 de fevereiro de 2010, já na fila para o embarque de volta ao Brasil, fazíamos com um casal de jovens, que estavam à nossa frente, um balanço sobre a estadia na África do Sul e havia unanimidade nas opiniões: é um lindo país, o povo é extremamente gentil e atencioso e estão muito mais preparados para o turismo do

que o Brasil. O grande número de lojas do *free shop*, muitas vendendo maravilhosas peças de artesanato africano, as extensas áreas de circulação do aeroporto e os cartazes de boas vindas aos que virão para a Copa, afixados com tanta antecedência, mostram que esse perfil não é uma mera impressão e justificam porque, durante esses 15 dias, já ficamos falando que teremos que voltar à África do Sul...



Finalizo esse diário com duas fotos do Aeroporto. Acima um hall central de distribuição e, na página seguinte, o painel desejando, em muitas línguas, boas vindas ao que forem assistir a Copa do Mundo.

